

O **OMNIDEF ANALYSIS** é uma publicação mensal composta de análises\* acerca de temas constantes nas edições do mês anterior do **OMNIDEF** e considerados de maior relevância no contexto da Defesa Nacional.

### Destaques do Mês

#### BRASIL E O ENTORNO ESTRATÉGICO

*CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESMANTELAMENTO DA UNASUL EM FACE DA CRIAÇÃO DO PROSUL*

#### CRISE INSTITUCIONAL NA REPÚBLICA BOLIVARIANA DA VENEZUELA

*CONSIDERAÇÕES SOBRE O PODER MILITAR E A BASE INDUSTRIAL DE DEFESA VENEZUELANA*

#### GEPOLÍTICA, CONFLITO E COOPERAÇÃO

*THE GEOPOLITICS OF ECONOMIC COMPETITION: CHINA VERSUS THE UNITED STATES*

### Vídeos Relacionados



**Lo que debes saber sobre Prosur y su primera cumbre en Chile**

Para acessar este vídeo [CLIQUE AQUI](#)

**BREAKING Russian Military in Venezuela Training Maduro Military update April 2019 News**  
Para acessar este vídeo [CLIQUE AQUI](#)



**Tensions Between China and U.S. Run Deeper Than Just Trade**

Para acessar este vídeo [CLIQUE AQUI](#)



\*As informações aqui contidas não refletem necessariamente a opinião do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra (ESG), do Centro de Geopolítica e Estudos Estratégicos e/ou de seus funcionários. A ESG não é responsável pelos sites de Internet que não lhe pertencem e aos quais se pode ter acesso através de links ou de qualquer conteúdo disponibilizado neste boletim.

### Corpo Editorial

**Editor:** Ricardo A. Fayal.

**Conselho Editorial:**

Danilo Marcondes de Souza Neto;

Guilherme Lopes da Cunha;

Jacinto Maia Neto.

**Editor Auxiliar:** Marcos do Vale Araujo

**Auxiliares de Pesquisa:**

Thaís Fernandes Pereira – Bacharelada em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ.

Marcos do Vale Araujo – Bacharelado em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ.

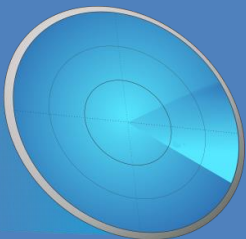
### Pesquisadores da Edição

**Danilo Marcondes de Souza Neto** – PhD em Politics and International Studies pela Universidade de Cambridge.

**Sergio Kostin** – Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**Hanna Samir Kassab** – PhD em Philosophy, International Relations and National Security Studies pela Universidade de Miami.





## BRASIL E O ENTORNO ESTRATÉGICO

### Considerações sobre o desmantelamento da UNASUL em face da criação do PROSUL

**Autor:** Danilo Marcondes de Souza Neto

**Co-autora:** Thaís Fernandes Pereira

Acontecimentos recentes na América do Sul têm levado a uma renegociação dos processos de integração regional e da cooperação política e diplomática entre os países da região. Tais mudanças decorrem de diferentes fatores relacionados a dinâmicas internas destas nações, mas são motivadas também por fatores externos como o transbordamento da crise venezuelana e o lançamento formal da Aliança para o Pacífico em 2012, que despertou o interesse de países da região de fora do bloco, inclusive do Brasil.

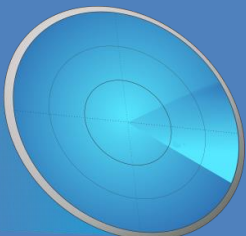
Como em outras áreas do mundo, o processo de integração sul-americano foi inspirado no modelo de integração europeu, mas seguiu evidentemente uma lógica própria de avanços e retrocessos, refletindo as particularidades políticas, econômicas e culturais dos países da região. Apesar da criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul) ter ocorrido em 1991, foi apenas em 2000 que todos os chefes de Estado sul-americanos se reuniram em Brasília. Em comparação com as regiões Andina e do Cone Sul, a integração de países como Guiana e Suriname ocorreu tardiamente, firmada apenas com a criação da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) em 2008. No Mercosul, a possibilidade de uma moeda comum, ventilada na década de 90, nunca avançou, ilustrando também as limitações econômicas e fiscais do processo.

Em período mais recente, as frustrações dos diferentes Estados partícipes em relação à integração sul-americana se refletiram em posicionamentos claros de abandono em relação a certas iniciativas e a busca por alternativas consideradas como mais dinâmicas ou que refletissem mudanças na realidade política doméstica dos Estados. Na orla do Pacífico, Chile, Colômbia e Peru se uniram a México e Costa Rica na Aliança para o Pacífico. Em abril de 2018, Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai e Peru anunciaram a suspensão da sua participação na UNASUL, e em abril de 2019, anunciaram a sua participação no Fórum para o Progresso da América do Sul (Prosul), juntamente com Equador e Guiana. A Colômbia, inclusive, já tinha anunciado a sua saída das UNASUL desde agosto de 2018.

Ao olharmos a evolução da integração no espaço sul-americano, um aspecto importante que precisa ser considerado é o impacto que as recentes mudanças em termos da participação nos mecanismos de integração sul-americanos terá no aspecto da cooperação em defesa. A superação de rivalidades e a aproximação entre as Forças Armadas e os setores de defesa são elementos centrais do processo de integração regional sul-americano, ilustrada pela aproximação entre Brasil e Argentina no final dos anos 70 em relação à cooperação nuclear.

[Continua]





Em 2004, a participação de países sul-americanos na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH) permitiu uma maior interação entre as Forças Armadas dos países da região e a ideia de uma responsabilidade comum em relação ao Haiti. Em 2008, o Brasil teve papel importante na formação do Conselho de Defesa Sul-Americano, que atuou para evitar crises na área, incluindo na Bolívia e entre Colômbia e Equador. Em maio de 2018, o governo brasileiro afirmou a sua intenção de priorizar a cooperação em temas de segurança e defesa com seus parceiros sul-americanos. A criação de adidos de inteligência e Polícia Federal nas embaixadas brasileiras na América do Sul, além do papel desempenhado pelos adidos militares, reforçou essa priorização.

Nesse momento atual de redefinição da participação dos países da região nas diferentes iniciativas regionais de integração, é importante que todos os envolvidos, ao considerarem as suas frustrações com as iniciativas existentes, também reflitam sobre os aspectos positivos proporcionados pelas diferentes iniciativas de integração desenvolvidas na região. ■

## Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

*The New York Times – 09/04/2019*

### **Prosur, el nuevo mecanismo para no integrar a Latinoamérica**

El Foro para el Progreso de América del Sur (Prosur) es la iniciativa latinoamericana más reciente de integración regional. Este proyecto es obra del liderazgo de los derechistas Sebastián Piñera, de Chile, e Iván Duque, de Colombia, y ha nacido con el fin de terminar de derrumbar a la Unión de Naciones Suramericanas (Unasur), creada entre 2004 y 2011 por el polo izquierdista Lula-Chávez-Kirchner-Fernández de Kirchner. La creación de Prosur confirma una tendencia preocupante: en América Latina no se crean organizaciones regionales, sino franquicias ideológicas de los gobiernos de turno.

Para a notícia completa [CLIQUE AQUI](#)

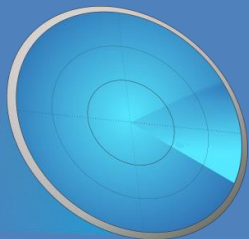
*El Nuevo Herald – 22/04/2019*

### **Mercosur cambia de rumbo y frena su proceso de integración política**

El Mercado Común del Sur (Mercosur) cambió de rumbo esta semana y frenó su proceso de integración política al suspender la elección directa de los parlamentarios del bloque, con el argumento de ahorrar recursos económicos. El anuncio, realizado este lunes en Asunción por el canciller paraguayo, Luis Alberto Castiglioni, supone un parón en el proceso político que iniciaron estos países en 1991, ya que, según dijo, no existe una "real urgencia" por abordar la modificación del Parlasur, para dotarle de mayores competencias.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)





### CRISE INSTITUCIONAL NA REPÚBLICA BOLIVARIANA DA VENEZUELA

#### Considerações sobre o poder militar e a base industrial de defesa venezuelana

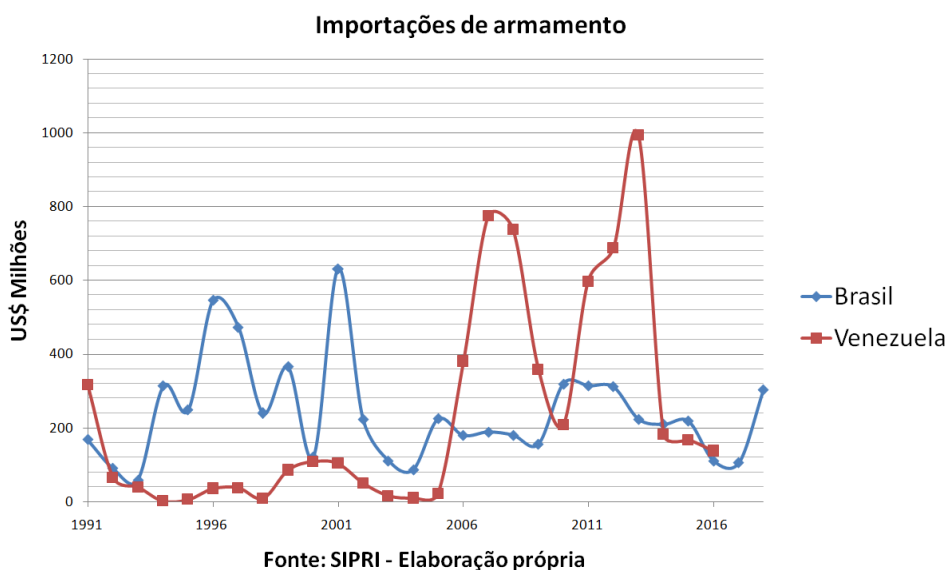
**Autor:** Sergio Kostin

**Co-autora:** Thaís Fernandes Pereira

Com o acirramento da situação política venezuelana, a mídia chegou a veicular a eventualidade de um conflito militar na região. Assim, em que pese este autor achar esta possibilidade muito pouco provável, senão impossível, far-se-á uma análise superficial da indústria de defesa venezuelana e sua atual capacidade militar, além de um enfoque sumário acerca desta área no Brasil.

A indústria de defesa venezuelana era praticamente inexistente até a década de 1970, quando foi inaugurada a companhia estatal *Compañía Anónima Venezolana de Industrias Militares* – CAVIM, dentro do contexto da política desenvolvimentista que acontecia em boa parte da América Latina. Ressalta-se que o complexo da IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil) também foi fundado nesta época e a EMBRAER na década anterior.

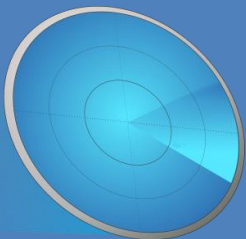
A CAVIM possui, segundo dados oficiais, duas plantas: La División Metalmecánica, na cidade de Maracay, sendo responsável pela fabricação de munições e armas portáteis. Havia uma previsão de iniciar a fabricação do fuzil AK-47 desde 2006, porém isto ainda não se concretizou, sendo a nova previsão para este ano. A outra fábrica é a La División de Químicos y Explosivos na cidade de Morón, que fabrica explosivos, nitrocelulos e, TNT, Nitroglicerina e Dinamite. Do exposto, infere-se que são fábricas de armamentos simples, sem grande poder tecnológico.



**Figura 1 – Importações de Armamento**

[Continua]





Segundo dados do SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute), a Venezuela nunca exportou material bélico de fabricação própria, tendo vendido apenas armamentos de segunda mão. Neste sentido, para se ter um contraponto, no Brasil, a Embraer é uma das 100 maiores empresas de Defesa do mundo e a Avibras possui razoável quantidade de clientes. Além disso, o Brasil chegou a montar submarinos na década de 90, além da construção do submarino Riachuelo no ano passado.

Por outro lado, a Venezuela importou armamento considerável na década de 2001 a 2018. De acordo com o SIPRI foi o 22º país que mais comprou armamento nesta época, com cerca de 5,4 bilhões de dólares americanos em valores nominais, sendo que no ano de 2013 chegou a importar quase US\$ 1 bilhão. Os principais fornecedores foram a Federação Russa (US\$ 3,85 bilhões) e a China (US\$ 630 milhões), não havendo participação significativa das potências ocidentais neste comércio. Destacam-se nestas compras a aquisição de 24 caças Sukhoi S30-MK, dois sistemas de defesa anti-aérea S-300, além de 92 T-72 de segunda mão, modernizados.

Por comparação, o Brasil ocupou a 29ª posição, tendo comprado 4,1 bilhões de dólares americanos. De acordo com a figura 1, percebe-se que este movimento é algo recente, que se inicia com força a partir de 2006. Até então, as importações de armas por parte do Brasil eram bem maiores que as da Venezuela e, contra o senso comum, houve mais compras no Brasil na década de 90 do que na década de 2000 (praticamente o dobro).

Entretanto, em que pese que as compras de armamento representem parcela importante do poder militar, o que determinaria a vitória em um eventual conflito seria sua capacidade industrial militar, sua capacidade financeira de manter o conflito ou o apoio de potências militares.

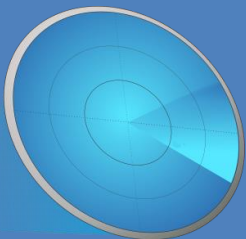
A capacidade militar venezuelana advém de compras recentes, concentradas em um período, mas ainda assim, à primeira vista, não seriam suficientes para manter um conflito de maior duração. O valor de US\$ 5 bilhões representaria cerca de um quinto do orçamento de Defesa do Brasil e 1/137 do total das reservas internacionais brasileiras. O processo hiperinflacionário venezuelano, o maior do mundo, debilita ainda mais suas condições econômicas e industriais.

O país encontra-se em *default* financeiro, não pagando empréstimos internacionais de outros países, entre os quais o Brasil, não possuindo, assim, capacidade de se manter no combate por este meio.

Por fim, sua força estaria nas suas alianças com a Rússia e com a China, que possuem interesses econômicos na Venezuela, resultantes de investimentos de grande monta, além da evidente influência geopolítica. ■

[Continua]





## Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

*Cavok – 01/04/2019*

### **Rússia inaugura centro de treinamento em helicópteros na Venezuela**

A empresa estatal russa de exportação de artigos de defesa Rosoboronexport inaugurou na Venezuela seu novo centro de treinamento em helicópteros. O centro de treinamento de helicópteros inaugurado na sexta-feira (29/03) foi construído sob um contrato entre a Rosoboronexport (parte da Rostec State Corporation) e a CAVIM (Companhia Venezuelana de Indústrias Militares), uma fabricante estatal venezuelana de armas de fogo.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#).

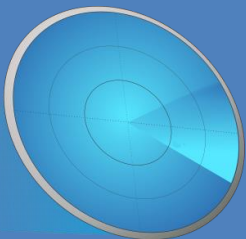
*CNN – 16/04/2019*

### **Pentagon developing military options to deter Russian, Chinese influence in Venezuela**

The Pentagon is developing new military options for Venezuela aimed at deterring Russian, Cuban and Chinese influence inside the regime of President Nicolas Maduro, but stopping short of any kinetic military actions, according to a defense official familiar with the effort. The deterrence options are being ordered following a White House meeting last week where national security adviser John Bolton told acting Defense Secretary Patrick Shanahan to develop ideas on the Venezuela crisis.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#).





## GEOPOLÍTICA, CONFLITO E COOPERAÇÃO

### The Geopolitics of Economic Competition: China versus the United States

**Autor:** Hanna Samir Kassab

**Co-autor:** Marcos do Vale Araujo

The United States and China are locked in a struggle for global influence and leadership. China's One Belt, One Road project is an attempt to replace the United States as world hegemon through economic means. The United States is launching its own aid defense program called the US BUILD Act (Better Utilization of Investment Leading to Development). This is an attempt by the United States to defend its global position.

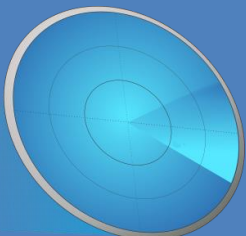
Once a third-tier power in the 1990s, China now has real global clout. The One Belt, One Road project has members from Asia to Africa. This includes the Middle East ([see Saudi Arabian-China refining deal](#)) and Europe with Italy signing up a few weeks ago. The aim is to find new export markets, decreasing dependence and exposure to the United States. The purpose is to secure key natural resources, specifically to [develop coal plants in other states](#). Chinese loans are [dangerously high](#) and usually involve [bribery](#). Loans would be in [yuan](#) and may undercut the United States dollar as the world's reserve currency. Once a state defaults, they hand over sovereignty. [Examples include:](#)

- In 2011, China reportedly agreed to write off an unknown amount of debt owed by Tajikistan in exchange for some 1,158 square kilometers of disputed territory.
- In 2011, with Cuba in a desperate economic situation and seeking debt relief, China, its largest single creditor, agreed to restructure between \$4-6 billion of the debt...it reportedly included an agreement by China to extend additional trade credits and financing for port rehabilitation.
- With Sri Lanka unwilling to service a \$8 billion loan at 6 percent interest that was used to finance the construction of the Hambantota Port, China agreed in July 2017 to a debt-for-equity swap accompanied by a 99-year lease for managing the port.

Weak states such as these need money to develop; this is their [main motivation](#). Acquiring funds through the International Monetary Fund (IMF) comes with structural adjustment conditions that are unpopular and risky for regime or governmental stability. Chinese loans, either bilaterally from China or through the Asian Investment Infrastructure Bank (AIIB), do not come with any of these requirements. It is a smarter, more efficient form of economic control.

[Continua]





In this way, China is using its economic power to consolidate its position in the world by buying up weak states. Rather than work through existing global financial institutions (due to the United States' refusal to allow China increased voting rights at the IMF), China is creating its own rival banks. In the great power game of Go, China is increasing its position on the board.

In all, China thus hopes to lead '65 countries, 4.4 billion people and about 40 percent of global GDP.' The United States sees this as a threat. As a result, the US BUILD Act is aimed at combatting China's influence, as Secretary of State Mike Pompeo states: "The Act provides opportunities for American companies to compete overseas and create jobs here at home, a critical component of the President's national economic strategy. BUILD strengthens the U.S. government's development finance capacity, offering a better alternative to **state-directed investments** and advancing our foreign policy goals." The bolded phrase relates to China's strategy of state development, one that united state goals with economic policy to increase Chinese global power and influence.

While this battle is ongoing, it is important to note the danger for China. If states default en masse, China will face a serious financial crisis. This may send shockwaves throughout the world. Quantitative easing remains an unconventional option and it is possible to be paid in resources and mining rights. While weak states will certainly benefit from two suitors competing for attention, great power war remains a possibility. If weak states default and surrender their sovereignty to China, this may lead to conflicts in areas considered strategically important to the United States.

Scholars will continue to debate the future of world order. Some argue that the United States will hand off power to China, while others warn of war: a Thucydides Trap. My focus as a scholar of international relations discusses the role of weak states in the great power game. The struggle for hegemony is reflected not so much by the fight for dominance, but through the acquisition of weaker powers. In other words, leaders need followers; Without followers, one cannot be considered a leader. ■

## Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

*Bloomberg – 03/04/2019*

### China Moves to Define 'Belt and Road' Projects for First Time

China is drafting rules for overseas investments to be considered part of President Xi Jinping's Belt and Road Initiative, according to people familiar with the matter, marking the first attempt to better define his signature policy.

Para a notícia completa [CLIQUE AQUI](#)

*BBC News – 22/04/2019*

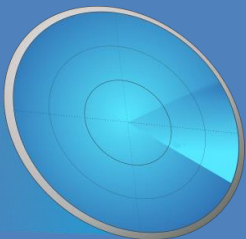
### Why the US-China rivalry will not end with a trade deal

A US-China trade deal - if it happens - is unlikely to end the rivalry between the two economic giants. Both sides have fought a trade war over the past year with damaging consequences for the global economy. But many say their dispute goes well beyond trade - it represents a power-struggle between two very different world views. Deal or no deal, that rivalry is only expected to broaden and become more difficult to resolve.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)







## Escola Superior de Guerra (ESG)

Fortaleza de São João - Av. João Luiz Alves, s/nº, Urca

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22291-090

Tel.: (21) 3545 9889 / Fax (21) 3545 9971

[cee@esg.br](mailto:cee@esg.br)

As informações aqui contidas não refletem necessariamente a opinião do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra, do Centro de Geopolítica e Estudos Estratégicos e/ou de seus funcionários. A Escola Superior de Guerra não é responsável pelos sítios de Internet que não lhe pertencem e aos quais se pode ter acesso através de *links* ou de qualquer conteúdo disponibilizado neste boletim.

O autor cedeu à Escola Superior de Guerra – ao Centro de Geopolítica e Estudos Estratégicos – os direitos de reprodução do material e quaisquer transcrições para o meio impresso e/ou digital a partir do material original, para edição, reprodução e publicação impressa e/ou em mídias digitais em língua portuguesa, ou em outros idiomas, por tempo indeterminado. Fica assegurado, portanto, o direito de dispor deste material para divulgá-lo em outros canais oficiais do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra ou do Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos.

